

Mauro Rasi

'As bombas que aqui explodem não explodem como lá!'

É Gonçalves Dias ou Casemiro de Abreu? "Que importa! Não disse que não tinha sido esse tal de Jorge Miranda o autor do atentado no Itamaraty?" — tia Hilda está toda prosa — "Quando digo uma coisa podem escrever". A Polícia Federal está desesperada. Os convidados — Hillary, Fidel, Felipe Gonzalez, Arafat e outros de menos mega — já estão chegando e o país não pode viver o suspense de novos atentados. Já pensou o Fidel lá na Bahia, vai dar uma dentada num acarajé e é um acarajé-bomba? O Arafat mete um quibe na boca a... É preciso achar um culpado e rápido. Cuidado, leitor, pode sobrar pra você.

Em Bauru tá uma loucura. Invadiram a casa da Tracy, revistaram o quarto do menino, falaram: "Essa camisinha aqui é pra quê? É pra fazer bomba, né?" — e prenderam ele. Queriam levar a Tracy também, por causa do fio do fio de passar roupa... Depois foram pro bangalô da Zina, diz que receberam uma denúncia de que havia um "chero" suspeito no ar — "Pior é que eu estava realmente preparando umas bombas", conta tia Zina. "Quando eles entraram, gritando: 'Cadê a bomba? Cadê a bomba?' Como lava saíram uma fumaça fresquinha de espiar au chochoal, falei: 'Calma que tem bomba pra todo mundo!' — Pra quê! Me algemaram no fogão, sabe como é polícia, né? Não sobrou uma, comeram tudo!"



Sherlock Holmes nunca seria brasileiro. Aqui, o que não se resolve no suposto permanece desconhecido. Para sempre. Até hoje não sabem quem matou Alexandre Baumgarten. "Nem Dana de Tefê", grita tia Norma, enfática: "Não fosse um turista ter visto o PC Farias belo e formoso na Tailândia, e também não 'achavam' ele. E o Jorge Bando iria? 'Pior que não' tanto pra depois prendê-lo nas Alagoas, onde a lei só foi dura com o Graciliano Ramos." Talvez por isso as suspeitas tenham caído diretamente no meu teatro. Disse: "Alto lá! O elenco de 'Pérola' está acima de qualquer suspeita. Tentem 'Os três teoures'." Tia Hilda aproveitou pra desmanchar o Páidori: "Não cobrou cachê pra cantar na missa do Papa, em Nova York. Preferiu receber em bênção... Que será que ele cantou? 'El dia que me quieras' ou 'Granada'? — também o Papa, coitado, tá fazendo qualquer negócio — O Páidori não se casou no Vaticano."

úteis, irá constar: "Desarmador de bombas!" A seguir, os comentários: "Conheço um que tá com um preço ótimo, não é careiro, não explora, desarma todo tipo de bomba... Não, porque tem uns que Deus me livre, adoram enfiar uma banana de dinamite na gente. Teve um — péssimo — que eu chamei pra desarmar um cartão-postal, precisa ver, desarmou tudo: a geladeira, o fogão, a televisão, o ar-condicionado, disse que era tudo bomba, que eu devia trocar tudo". Sim, porque agora além do médico, do veterinário, do analista, a pessoa terá também um desarmador de bomba — de preferência de confiança. É uma profissão emergente, já tem mais que advogado. Tia Hilda diz que não recebe mais cartas — "Só fax! Se bem que na Líbia já estão investindo em pesquisas para o fax-bomba! Breve teremos CD-ROM bomba, bomba a cabo, isso quando ela não explodir via Internet."

Tia Isa está preocupada com os sena-terra, tentando se assentar no campo de treinamento do Exército, cheio de minas, de bombas não desativadas... "Vão plantar uma mandioca. BUUUUM!!! Vão dar a descarga e BUUUUM!!! OH!!! Fui assentar e queimei a bunda! De noite vai se ouvir BUMBUMBUM! É tudo sem-terra indo pelos ares. Que destino, meu Deus, que destino!" Tia Hilda aproveitou pra dizer que concordava com a brava Deolinda, mulher do líder do MST: "Também sou contra essa história de estabelecer cota de participação para mulheres nos partidos políticos. Não precisamos de nenhum favor dos homens. Chega de paternalismo. Conquistaremos nosso lugar por esforço próprio."

Nessa instância, tia Lola recebe uma carta. É do banco. Ela grita: "Não abre!" — teme que seu débito seja mais devastador que a explosão francesa em Mururoa.

— as antes que Hillary (a Rita Camata de lá) pinte por aqui, surgirá um suspeito que ofuscará todos os outros. Ninguém menos que a "zebrinha" da loteca, lembram-se dela? A que falava "Coluna do meio..." — e esquivava os olhinhos? Logo que vim para o Rio, morei durante alguns anos no Cosme Velho bem abaixo da "zebrinha", quer dizer, da mulher que emprestava sua voz ao bichinho. Dubladora profissional — dizem que fazia até o Flipper — foi ela que me ensinou que as aves pipilam! Era uma mulher bonita, dos seus quarenta e tantos anos, mignon, tinha quase um metro e meio, um híbrido de Rosemary com a força e a determinação de uma Faye Dunaway em "Rede de intrigas". Saía todo dia, de manhã cedinho, sempre cheirosinha, metade num salto 15, para ir dublar. A criada da favela dos Guararapes, ali do lado, descia em peso, gritando: "Zebrinha! Zebrinha!" e cercavam-na, como se ela fosse a Xuxa, pedindo-lhe para revirar os olhinhos, falar "coluna um", e dar aquela risadinha "hi-hi-hi...". Mas ela, sempre com pressa, dizia: "Agora a zebrinha não pode, digo, a tia tá atrasada." — entrava rapidamente no seu MP Lafar rosa-choque e se mandava.

através da fresta da cortina, apavorado. De modo que fui testemunha ocular de várias cenas do dia-dia da zebrinha, como no dia em que ela chegou, com o namorado, de madrugada. Era uma segunda-feira, havia chovido, aquele silêncio, ouvia-se apenas o coxar dos sapatos no encanado Rio Maracanã, quando ouvi o inconfundível toco-toco dos seus saltinhos. E, vi, através da fresta, ela chegando, toda dengosa, trocando beijinhos, com o namorado, quando, subitamente, um assentamento de crianças de rua, que habitualmente ocupava a frente do prédio, emergiu de debaixo de seus sórdidos cobertores, e alída sonolentas reconheceram-na: "Zebrinha?" — e foram despertando, uma a uma, feito um rastilho de pólvora ao qual se ateou fogo. — "É a zebrinha, gente!" Em segundos, ela estava totalmente cercada pela mocidade excitada que implorava: — "Faz a zebrinha, faz Revira os olhinhos? Pensei que ela fosse dar um coice. Foi, porém, curta e grossa: 'Merda!!! Querem deixar a zebrinha namorar em paz?' E acrescentou — 'Porra!!!' — antes de puxar o namorado para dentro e fechar a porta. Em tempo: não havia porteira. Notei que o namorado estava meio espantado. A crianças continuaram batendo e chamando: 'Zebrinha! Zebrinha!' Enquanto que algumas, menorzinhas, nuas da cintura para baixo, choravam chamando: 'Zebrinha...'. As lágrimas misturando-se com o ranho que descia dos olhos formando um charco de miséria que Loteca alguma é capaz de extirpar."

No dia seguinte, como sempre, ela saiu cedinho. A criada, como sempre, perseguiu-a até o carro, gritando: "Zebrinha! Zebrinha!" — enquanto que do imorro desciam leves e mais leves de crianças, gritando enloquecidas: "Zebrinha!!!" Ela correu até o carro e tentou fechar o vidro. Só que nisso prendeu os dedos de um pivetinho, que começou a gritar: "Ai!!!... a zebrinha prendeu meu dedo!"

Ela ficava nervosa, liga o carro e dá partida, só que ao dar marcha à ré avança pra cima do escapamento dos meningis e quase esmagava uma neqona que tava dormindo. Pisa no acelerador, o carro avança e quase atropela mais crianças. Nisso, os vagabundos, esses que ficam tomando cerveja de manhã, no boteco, saem pra ver o que estava acontecendo. A neqona grita: "Zebrinha tá levando o menino!!!" — que continuava agarrado ao vidro da janela. Os vagabundos avançam gritando: "Larga o menino, zebrinha! Solta ele!" Zebrinha, apavorada, pisa fundo e desaparece no túnel Rebouças com uma multidão atrás de si atirando pedras e profirindo ameaças. "Zebrinha f.d.p., volta aqui!" Ficou uma semana sem aparecer. Depois disso, mudou-se.

Até ser encontrada pela Polícia Federal, na fila do queijo Boa Nata, em pleno supermercado. Feliz por ter sido reconhecida, disse, referendo os olhinhos feio uma Baby-Jan: "Olha eu aqui!!" "Como não pensamos nisso antes?", falou o delegado. "Com essas listras todas, ela já está vestida de presidária. Assumiu a culpa! Agora tudo faz sentido." Moral (óbvia) da história: deu zebra.

— A PF deu uma de Suplicy lembram do caso da mulher daquele José Carlos, do Congresso, que denunciou a máfia dos anos 60, e que matou a mulher com uma picareta? Afirmou no programa do Jô Soares: "Ela está em viva em Nova York, tomando cataprimba!" Resultado: agora a polícia tá, dando tiro pra tudo que é lado, investigando até a vida pessoal da vítima." Tia Lola arriaca: "Val ver que quem mandou a bomba tá apaxinado por ela..." — Todos olham, espantados, ela explica: "Há muitas formas de amor." De fato, há muita gente louca nesse mundo. Tia Norma frisa — "Muita" — e olha detidamente para cada um de nós. O jeito é abaixar os olhos, que remedio? Agora é assim: no caderninho de telefones

Os traços precisos de Orfeu Evento reúne 14 poetas do eixo Rio-São Paulo

Scliar refaz desenhos para a peça de Vinicius



Carlos Scliar (à esquerda) e Haroldo Costa exibem o cartaz da montagem original de "Orfeu da Conceição"

HUGO SUKMAN

Em março de 1956, o pintor Carlos Scliar estava para iniciar uma viagem pelo interior do Brasil, como prêmio por ter ganhado o Salão Nacional de Artes Plásticas do ano anterior. Não conseguiu: chegou de Paris, o seu amigo Vinicius de Moraes o convocou para uma empreitada que iria mudar o teatro brasileiro, a encenação de seu texto "Orfeu da Conceição", que estrearia no Teatro Municipal em novembro. Vinicius reservou a Scliar a função de "coordenador plástico", ou seja, e coordenação gráfica que resultou no cartaz e no programa da peça, que incluía retratos dos principais componentes do grupo, inclusive o primeiro desenho feito do jovem compositor Tom Jobim, autor da música. Para a montagem, dirigida por Haroldo Costa e que estrearia amanhã no mesmo Municipal, Scliar repetiu a dose e fez a capa para o novo programa.

— Aquele foi um espetáculo que marcou minha vida — diz Scliar — "Todo mundo nasceu ou treia ali. E eu tive uma oportunidade rara de assistir a todos os ensaios, enquanto desenhava o que acontecia. Foi assim que nasceu o desenho do Tom, que está no programa."

Datado de 17 de agosto de 1956, o desenho retrata um Tom jovem, entre outros de Vinicius, Haroldo Costa (o Orfeu da montagem original) e dos personagens principais. Todos estes desenhos, verdadeiras raridades, pois saíram em edição limitada na época, estarão no programa da nova montagem, que conta com Norton Nascimento fazendo Orfeu e Camilla Pitanga a sua amada Eurídice.

— O programa, quase um livro, é uma homenagem ao trabalho de Scliar no momento original — diz Haroldo Costa.

Com tratamento gráfico da obra de Tom, Eliane Jobim, o novo programa contará com uma nova capa de Scliar e reproduzirá os desenhos feitos para o programa original.



A capa do programa da peça, desenhado em 1956



O jovem compositor Tom Jobim visto por Scliar

Os poetas brasileiros pretendem mostrar que estão vivos, ativos e vivendo seu melhor momento dos últimos anos. Para isso, um deles, Cláudio Rodrigues, organizou o evento "Ponte poética Rio-São Paulo", que fará com que 14 poetas das duas capitais percorram seis bibliotecas públicas da cidade (Meteis Ilha, Leblon, Glória, Jacarapaguá e Bangu) a partir de quarta-feira. Amanhã, às 19h, o evento será inaugurado com um coquetel de lançamento, no Castelinho do Flamengo, de uma coletânea da obra dos 14 poetas envolvidos (editada por Cláudio Rodrigues e o próprio Cláudio Rodrigues, do extinto grupo poético Os Camaleões), Armando Freitas Filho, Ivan Junqueira, Chacal, Moacyr Félix, Denise Emmer, Alexei Bueno, Mano Melo, Olga Savary e Geraldo Carneiro, além dos paulistas Roberto Piva, Theresia Christina Motta, Roberto Biceilli e Eduardo Alves da Costa.

A poesia brasileira vive um grande momento — acha Cláudio. — Todos estão conseguindo publicar seus livros e as noites de autógrafo têm sido verdadeiros happenings.

Para evitar clichês, Cláudio coordenou a seleção ouvindo o meio literário das duas cidades.

— A seleção foi feita a partir de uma votação entre críticos e professores e acho que é bem representativa da poesia contemporânea brasileira — afirma Cláudio.

Cláudio e Geraldo Carneiro aproveitaram o evento para lançar seus livros, "O arquivista" e "Folias metafísicas", quinta-feira, numa noite "poético-dionisíaca" no Cabaré Kaleša.

— Esse evento é importante pois em todas as épocas o poeta é tratado como um anacronismo

ambulante, um animal em vias de extinção — diz Carneiro. — A "Ponte poética" vai mostrar, pelo contrário, que se faz boa poesia contemporânea no Brasil.

Patrocinado pelas secretarias de Cultura do Rio e de São Paulo, a "Ponte poética" está sendo vista por participantes como um momento histórico, como define Cláudio.

— Os poetas estão produzindo muito, mas ao mesmo tempo estão carentes de reconhecimento — afirma. — A oportunidade de se recitar os poemas para o público qualificado que frequenta as bibliotecas abre uma nova possibilidade de diálogo.

Já Geraldo Carneiro vê no evento uma possibilidade de trazer à luz uma geração brilhante de poetas.

— Em geral, os contemporâneos não entendem a poesia de seu tempo — afirma. — Nos anos 40, Manuel Bandeira provavelmente era considerado um maluco que fazia versos. Hoje, alguns dizem que não há poesia no Brasil. Como não se, além dos participantes da "Ponte poética", há o João Cabral e o Ferreira Gullar, Augusto e Haroldo de Campos cultuados na Igreja de Deus ou o Manoel de Barros numa outra vertente?

Para Geraldo Carneiro, a última geração realmente reconhecida na história da poesia brasileira foi a dos anos 70, a chamada "geração mimeógrafo", da qual participou ao lado de Chacal, Ana Cristina César, Paulo Leminski, entre outros.

A poesia vem sendo avaliada mais por critérios antropológicos, como esta alucinação de "geração mimeógrafo", do que literários — diz Geraldo. — A "Ponte poética" pode ajudar a mostrar a poesia em seu aspecto literário. (Hugo Sukman)

“O poeta é sempre visto como um anacronismo ambulante”

Geraldo Carneiro

